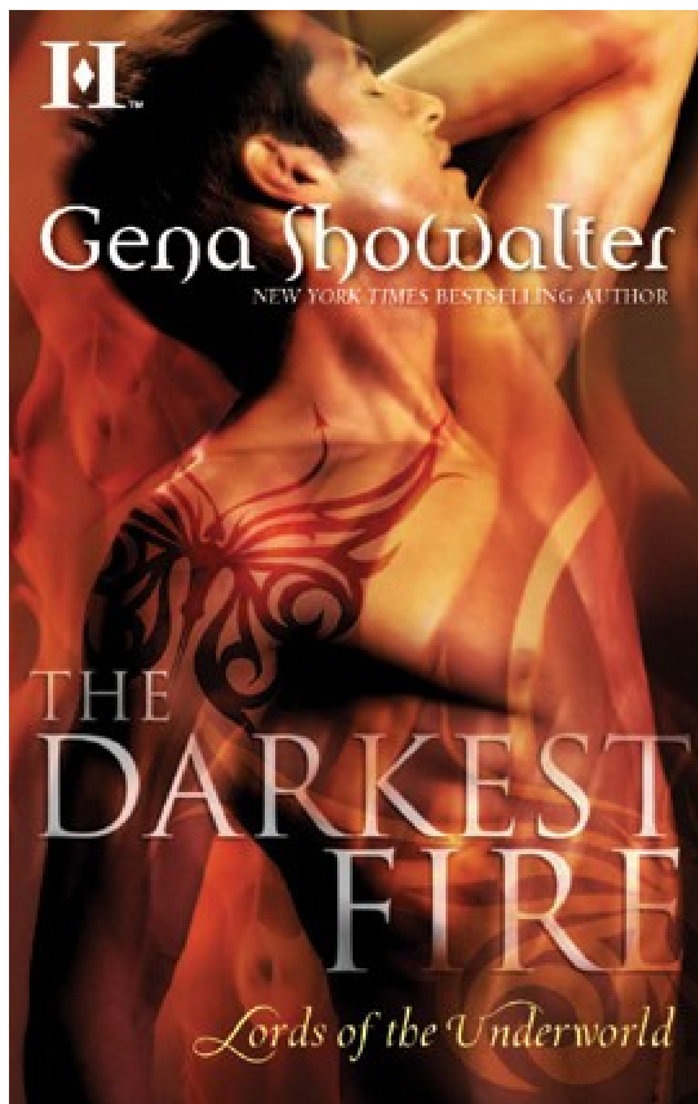
O Fogo Mais Escuro

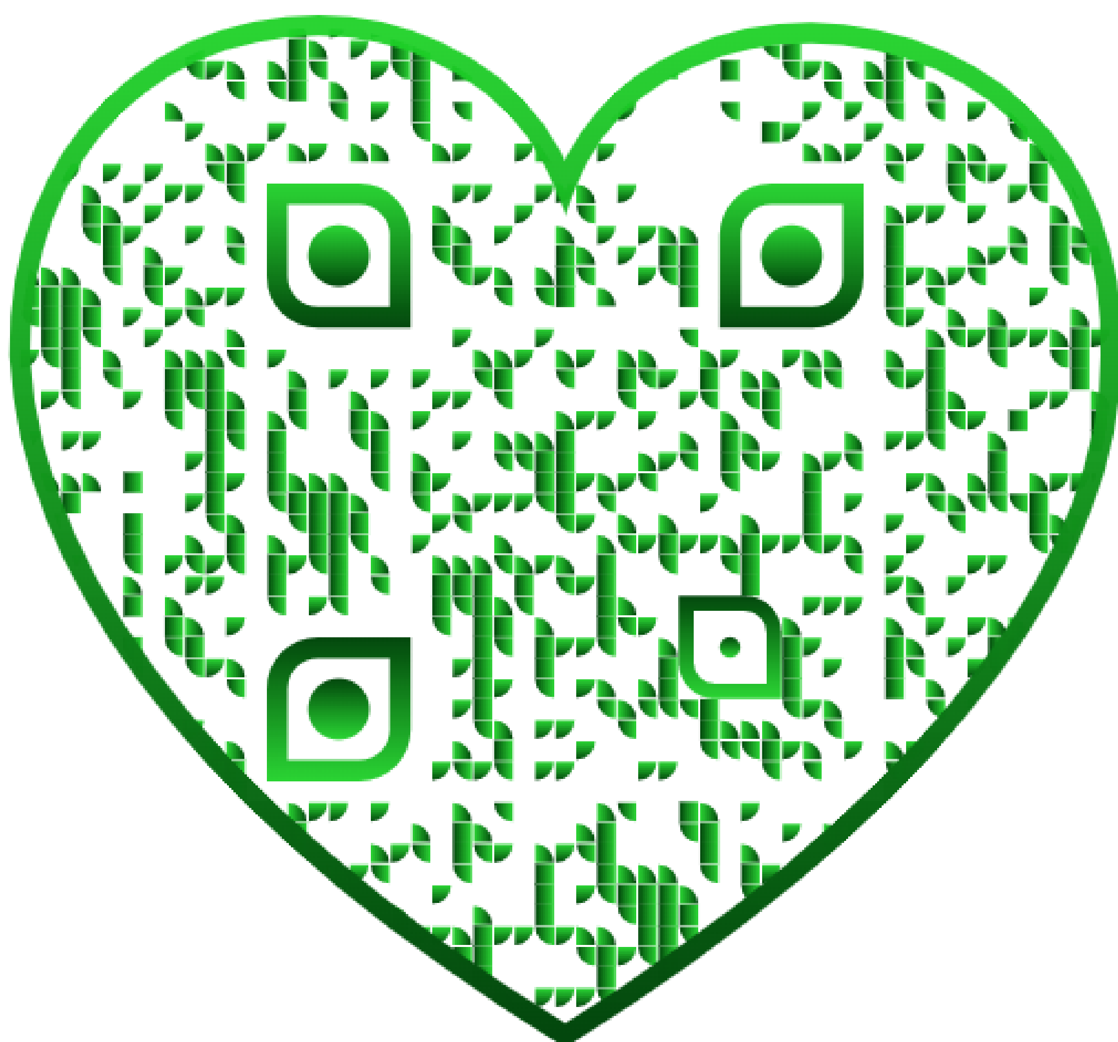
Gena Showalter



Ele é o guardião do inferno....Mais monstro que homem.
Ela é a deusa da opressão, mais anjo que mulher.
Em troca de poupar a vida de sua amada esposa, Geryon vendeu sua alma a Lúcifer.
Agora, preso em um corpo demoníaco, ele guarda as portas do inferno, impedindo os demônios prisioneiros de escapar.
Kadence é uma deusa da opressão, condenada a custodiar o Inframundo. Sua tarefa é cuidar o muro que contém os demônios do inferno.
Juntos terão que enfrentar as chamas, lutando contra uma horda de senhores demônios... e irão descobrir uma paixão como nenhuma outra que tenham conhecido.

Capitulo 1

Todos os dias, durante centenas de anos, as deusas visitaram o inferno. E cada dia Geryon as tinha observado do seu posto, desejando esquentar seu sangue tanto quanto as chamas da condenação, que estavam um pouco mais adiante. Não deveria tê-la fitado



a primeira vez, deveria ter evitado fitá-la todas as outras vezes. Ele era um escravo dos demônios, criado pelo mal. Ela era uma deusa, criada na luz.

Não poderia tê-la, pensou ele fechando os punhos de suas mãos. Não importava o quanto desejasse que fosse de outra forma. Esta... obsessão era inútil e não trazia nada que não desespero. Não necessitava mais desespero.

E, contudo, ainda observou-a esse dia quando flutuou através da estéril caverna, as juntas coral de seus dedos riscaram as pedras dentadas que separavam o subsolo do Submundo.

Os cachos dourados flutuavam caindo em suas elegantes costas e emolduravam um rosto tão perfeito, tão adorável, que a própria Afrodite não podia se comparar. Uns luminosos olhos entrecerraram-se, uma atraente cor naquelas bochechas de liso alabastro.

—A parede está rachada. —disse ela, sua voz igual a uma canção entre o assobio de uma próxima chama.

Sacudiu a cabeça, possivelmente apenas teria imaginado as palavras. Em todos os séculos juntos, eles nunca tinham se falado, nunca se desviaram de sua rotina. Como Guardião do Inferno, ele assegurava que a porta permanecesse fechada até que fosse necessário introduzir um espírito no interior.

Dessa maneira, nada nem ninguém escapava—e, se tentavam, ele os castigava. Como a deusa da Opressão, ela fortalecia a barreira psíquica com um só toque. O silêncio nunca tinha sido quebrado.

A incerteza obscureceu seu rosto.

—Não tem nada a dizer?

Ela elevou-se ante ele um momento depois, embora não tivesse notado seu movimento.

A essência de madressilva eclipsou de repente o cheiro de enxofre e carne derretendo-se, e inalou-o profundamente, fechando os olhos em êxtase. Oh, que ficasse justamente onde estava...

—Guardião! —apontou ela.

—Deusa. —Ele obrigou suas pálpebras a abrirem-se gradualmente, revelando lentamente o brilho de sua beleza. Assim de perto, ela não era tão perfeita como pensava. Era melhor.

Umas tênues manchas dedilhavam seu docemente inclinado nariz, e as covinhas apareceram com a curva de seu meio sorriso. Deliciosa.

O que pensaria dele? — perguntou-se.

Provavelmente via-o como um monstro, horrível e disforme. Mas se assim fazia, não demonstrou. Só a curiosidade descansava naqueles luminosos olhos. Pelo muro, suspeitou, não por ele. Inclusive quando havia sido humano, as mulheres não tinham querido ter nada a ver com ele. Algumas vezesperguntou si mesmo se teria sido corrompido ao nascer.

—Essas brechas não estavam aí ontem. —disse ela—. O que causou tal dano?

—Uma horda de Senhores Demônios elevam-se diariamente do buraco e lutam para rompê-lo. Cansaram de estar confinados e procuram humanos vivos para atormentá-los.

—Tem seus nomes?

Ele assentiu.

—Violência, Morte, Mentiras, Dúvida, Miséria... Continuo?

—Não. —Disse ela brandamente—. Entendo. O pior do pior.

—Sim. Golpeiam e arranham do outro lado, desesperados por alcançar o reino mortal.

—Bom, iremos detê-los. —Uma ordem, envolvida em um pequeno pedido.

Nesse momento, ele teria entregado até o último vestígio de sua humanidade para fazer o que ela desejava. Qualquer coisa para devolver o presente que era sua presença

diária. Algo para mantê-la exatamente onde estava, prolongando a doçura de sua essência.

—Estou proibido de abandonar meu posto, da mesma maneira que me proibem abrir as portas por qualquer razão que não seja permitir que entre algum dos condenados. Temo não poder aceitar sua petição.

Ela deixou escapar um suspiro.

—Sempre faz o que dizem?

—Sempre.

Uma vez tinha lutado com os invisíveis laços que o atavam. Uma vez, mas não mais. Lutar seria provocar dor e sofrimento—não para ele, mas para outros. Inocentes, humanos iguais a sua mãe, seu pai e seus irmãos, os quais tinham sido trazidos aqui e torturados frente a ele. Os gritos... Oh, os gritos. Se o objetivo tivesse sido ele, a dor e o sofrimento não lhe teria importado. Teria rido e teria lutado com mais força. Mas Lúcifer, irmão de Hades e príncipe dos Demônios, sabia exatamente como golpear para obter os resultados desejados.

—Eu esperava uma diferença. É um guerreiro, tão forte e seguro.

Sim, era um guerreiro. Também era um escravo.

—Sinto muito.

—Pagarei-te, se ajudar-me. —insistiu a deusa—Diga-me seu preço. O que deseja e será teu.

Capitulo 2

Qualquer coisa que deseje será tua, havia dito ela. Se fosse tão simples, pensou Geryon. Poderia pedir uma simples prova de seus lábios. Mas ele não arriscaria o sofrimento dos inocentes. —por que se preocupa com eles? —Simplesmente para saciar seu desejo pela adorável deusa.

A pergunta que viajava à deriva por sua mente apertava-lhe os dentes. Ele se preocupava, porque sem bondade, ali só haveria o mal. E tinha visto muito mal.

—Sinto muito, deusa. Como disse, não posso ajudar-te.

Seus delicados ombros encolheram-se com desilusão.

—Mas... por quê? Você quer manter tanto como eu os demônios dentro do inferno.

Geryon não queria lhe contar suas razões para rechaçá-la, depois de todos estes séculos ainda envergonhava-se. Entretanto, deveria dizê-lo. Possivelmente, então, ela voltaria para o anterior e fingiria que não existia. Deste modo, seu desejo por ela crescia, intensificando-se, seu corpo endurecendo-se. Aceita. Ela não é para ti.

—Eu vendi minha alma. —Disse ele. Havia sido um dos primeiros humanos a caminhar pela terra. Tinha estado satisfeito com sua parte e encantado por sua companheira, mesmo ela tendo sido escolhida por sua família e em troca não o tinha desejado. Ela tinha ficado doente e ele desesperou-se. Tinha gritado aos deuses que ajudassem-no, mas tinham-lhe ignorado. Então Lúcifer tinha aparecido.

Para salvá-la e ganhar finalmente seu coração, Geryon havia se entregado voluntariamente ao príncipe escuro—e encontrou a si mesmo transformado de homem a besta. Chifres saíram do topo de sua cabeça e suas mãos converteram-se em garras. Pelagem carmim escuro cobria toda sua pele e pernas, enquanto cascos substituíam seus pés. Em segundos, seu corpo foi transformado, em sua maior parte, em um animal , e pouco restava do humano que um dia havia sido.

Sua esposa foi curada, por seu contrato com Lúcifer, mas ela não ficou com ele. Não...tinha deixado-o por outro homem. Suas mãos fecharam-se em punhos, as garras afundando-se profundamente em suas palmas enquanto centrava-se na deusa.

—Embora deseje de outra forma, minhas ações já não estão sob meu comando.

A deusa estudou-o, sua cabeça inclinando-se para um lado. Ele se moveu incômodo. Tal escrutínio[1] acovardava-o, por causa de sua aparência doentia. Para sua surpresa, o asco não obscureceu seu encantador olhar fixo quando disse.

—Verei o que posso fazer.

Nos Corredores do Inferno.

—Lúcifer, ouça-me bem. Exijo falar contigo. Apareça diante de mim. Neste dia, neste lugar. Sozinho. Eu ficarei aqui. Sou Kadence, deusa da Opressão, sabia que devia precisar seus desejos ou o príncipe demônio iria interpretá-los sempre como desejasse. Simplesmente estava exigindo uma audiência ou ele poderia levá-la a sua cama, atar seus braços e pernas, tirar-lhe a roupa, com uma legião ao seu redor.

Passaram vários minutos sem que houvesse resposta. Mas então, já sabia que assim seria. Ele desfrutava fazendo-a esperar. Isso fazia com que se sentisse poderoso. Usou esse tempo para olhar os arredores.

Mais que pedra e morteiro, as paredes do palácio de Lúcifer consistiam em chamas. Lusindo em ouro alaranjado. Mortais.

Ela odiava tudo naquele palácio. Plumas de fumaça negra flutuavam dos resplendores, curvando-se ao redor de seus dedos de maneira daninha. Tão mal que queria mover a mão diante de seu nariz, mas não o fez. Não podia mostrar debilidade—inclusive com tão pequena ação.

Se se atrevesse a fazê-lo, sabia que encontraria a si mesma afogando-se nos nocivos vapores. Lúcifer não amava nada mais que explorar as debilidades.

Kadence tinha aprendido muito bem essa lição. A primeira vez que o tinha visitado, terminou inteirando-se de que tinha sido designada tanto por Hades como por Lúcifer como seu guardião. Como alguém que encarnava a essência da subjugação e conquista, não havia ninguém melhor para se assegurar de que os demônios e mortos ficassem permanentemente ali. Ou assim tinham pensado os deuses, e era por isso que tinham-na eleito para essa tarefa.

Ela não estava de acordo, mas negar-se a tal, teria dado motivos para que fosse castigada. Muitas vezes, desde que havia aceitado, entretanto, pensava que o castigo possivelmente tivesse sido melhor. Passava seus dias dormindo em uma cova próxima—não um verdadeiro sono, a não ser uma vigília, os olhos de sua mente iam à deriva sobre os diferentes campos dos demônios. Passava suas noites fiscalizando os muros freqüentemente, e toda vez teve que que retornar ao palácio e reportar a infração.

Como podia não ter dado conta do que estava acontecendo esta vez?

Tinha Lúcifer bloqueado suas visões? Se era assim, o que esperava ganhar?

Ela nunca havia se sentido mais indefesa.

Não, não era verdade. Durante sua primeira visita, Lúcifer havia sentido sua agitação—e depois não tinha deixado escapar nenhuma oportunidade de nutrí-la. Um toque de fogo aqui, uma maldosa tentação ali. Ela tinha murchado sob seus cuidados.

Isso tinha aborrecido os deuses. Teriam-na convidado para sua casa, tinha certeza, se já não a tivessem vinculado ao muro, um ato para ajudá-la com seus deveres, não para lhes fazer mais difíceis. Mas nem sequer os deuses sabiam quão profundo se voltaria essa obrigação. Bem mais que simplesmente sentir quando o muro precisava ser reforçado, havia percebido que essa era sua razão de viver. Seu sangue cantava agora com essa essência.

A primeira vez que um dos demônios havia arranhado o muro, ela tinha sentido o aguilhão e tinha ofegado, sobressaltando-se. Agora já não havia mais sobressaltos, embora ainda sentisse cada contato. Quando o inferno a lambia, ela sentia sua queimadura.

[1] Exame minucioso

Pode fazê-lo. O resultado desta reunião é mais importante que qualquer outra que tenha tido antes. Você pode.

Importaria ao guardião o muito que se arriscava por ele?

De fora do palácio podia ouvir a enlouquecida risada dos demônios, os gemidos dos torturados e o chiado da carne desprendendo do osso. E o aroma… era tão infernal como ele mesmo. Era difícil, permanecer indiferente entre tal baixeza. Especialmente agora. Nas poucas semanas passadas, a força tinha sido drenada de seu corpo, pouco a pouco, a dor disparando através dela. Agora, ao menos, sabia por que. Vinculada como estava a este obscuro submundo, que danificava o muro externo estava matando-a, literalmente.

O som dos passos ecoou de repente e as chamas separaram-se vários metros diante dela. Finalmente apareceu Lúcifer, tão despreocupado como um dia de verão.

—Estive esperando sua volta. —Disse com a mais sedutora das vozes. Inclusive sorriu abertamente, sua expressão, a mais pura maldade—. O que posso fazer por você, minha querida?

Capitulo 3

Kadence não se permitiu encolher-se. Lúcifer era alto, tão musculoso quanto um guerreiro e sensualmente atraente, apesar do escuro inferno que se desatava em seus olhos. Mas ele não era comparável à besta que guardava seus domínios. A besta cujo rosto era muito afiado para ser considerado outra coisa que selvagem. A besta cujo corpo era metade homem, metade monstro deveria tê-la repugnado mas não o fazia. Em troca, seus cautelosos olhos marrons cativavam-na, sua natureza protetora intrigava-a.

Talvez nunca tivesse estado interessada no guardião, possivelmente tinha assumido que ele era igual a todas as outras odiosas criaturas dali, mas então lhe tinha salvado a vida. Tristemente, inclusive as deusas imortais podiam ser assassinadas—um prospecto que nunca tinha sido claro de como as portas externas se abriam para dar as boas-vindas a um espírito e um seguidor ficava livre. Isso deveria tê-la assustado, deveria tê-la inclinado, provavelmente sentir mais seu medo e reagir, correndo diretamente para ela, faminto de sua carne.

Ela estava congelada, mas ele ainda não a havia alcançado.

O guardião. Qual era seu nome?, Tinha intervindo, destruindo o demônio com uma de suas garras envenenadas. Ele não tinha falado com ela depois, e tampouco lhe havia falado, acreditou que ele era igual a todas as outras criaturas neste sacudido, mas ainda inquebrável Inframundo. Ela tinha começado a estudá-lo, entretanto e, cada vez, sentia -se mais fascinada por sua complexidade.

Ele era um destruidor, e contudo a havia salvado. Ele não tinha nada, e apesar disso não tinha pedido nada em troca.

Estava devolvendo-lhe o favor? Algumas vezes, quando levantava a vista para ela, juraria que via quentes chamas brancas que nada tinham a ver com o dano.

Lúcifer contemplou-a em silêncio enquanto se sentava no topo de seu trono de redemoniantes almas fantasmais. Um enfeitado cálice materializou-se em sua mão e ele deu um gole.

Uma gota carmesim deslizou pela esquina de sua boca e salpicou sobre sua impoluta camisa branca.

A repulsão a sobressaltava, mas manteve sua expressão neutra.

—Você está desgostosa comigo, mas não o demonstra, —disse ele com outro desses encantadores sorrisos—. Onde está o ratinho que estava acostumado a visitar-nos? Que tremia e escolhia cuidadosamente cada uma de suas palavras? Eu gosto dela.

Kadence elevou o queixo. Podia chamá-lo de todas as formas que desejasse, mas ela não ia responder.

—Seus muros estão sendo comprometidos, e uma horda de demônios luta por escapar.

O príncipe perdeu rapidamente seu sorriso.

—Mente. Não se atreveriam.

Sua agitação era instável. Sem suas legiões, ele não teria o comando.

—Tem razão. Seus bandidos ou ladrões, seqüestradores e assassinos não se atreveriam a desobedecer ao seu soberano.

Seus olhos entrecerraram-se demonstrando seu aborrecimento. Então deu de ombros casualmente rebatendo o furioso olhar.

—Assim estão comprometidos. O que quer de mim?

Ele sempre fazendo difíceis as coisas.

—O guardião. Pode ajudar-me a deter os únicos responsáveis.

Lúcifer bufou.

—Não. Quero-o onde está. Meu último guardião caiu vítima de um mentiroso demônio e quase permitiu que escapasse uma legião. Geryon é impermeável a suas artimanhas.

Ela apenas se conteve de passar a língua sobre os dentes. Que tipo de jogo ele jogava? Necessitava de que os muros se reparassem tanto como ela; sua resposta emprestava.

Dhl

Bom, nem tanto, murmurou ela. Ao contrário dela, ele não morreria se os muros fossem derrubados.

—Eu sou sua soberana, —disse ela—. Você...

—Você não é minha soberana. —Grunhiu ele em outra explosão de raiva. Respirou profundamente e exalou, e acalmou-se.

—Você é minha... observadora. Vigia, adverte e protege, mas não manda.

Porque é muito fraca, ele não o disse. Mas então, não tinha que fazê-lo. Ambos sabiam que era verdade.

Muito bem. Tentaria um caminho diferente.

—Fazemos um pacto? —perguntou ela.

Ele assentiu, como se simplesmente estivesse esperando pela pergunta.

—Façamos.

As Portas do Inferno

—Não entendo, —disse Geryon, se negando a deixar seu posto. Inclusive cruzou os braços sobre o peito, uma ação que lhe recordava de seus dias como humano, quando tinha sido mais que um guarda, mais que um monstro—. Lúcifer nunca teria concordado em liberar-me.

—Prometo isso, ele está de acordo. És livre. —A deusa lançou um olhar às sandálias em seus pés, sem dizer mais.

Ocultava algo? Planejava enganá-lo, por alguma razão? Tinha passado tanto tempo desde que tinha feito entendimentos com uma mulher, que não estava seguro de como julgar suas ações.

Ela estava mais pálida do que o normal, advertiu ele, o atraente brilho de suas bochechas estava osco, igual a suas sardas. Seus cachos dourados caindo sobre seus ombros e braços, e podia ver a fuligem através dos fios finos do vestido. Suas mãos ansiavam por estenderem-se, para peneirar aquelas mechas com seus dedos.

Gritaria ela se fazia algo assim?

Hoje ela vestia um traje violeta e para combinar, em seu pescoço, um colar que exibia uma ametista em forma de lágrima tão grande como seu punho e tão brilhante como o gelo que não tinha visto há centenas de anos. Ela nunca tinha levado antes tal coisa; geralmente vestia-se de branco, um anjo entre demônios, sem adornos.

—Como? —insistiu ele—. Por quê?

—Acaso importa? —seu olhar elevou-se, enterrando-se nele com a precisão de uma lança e cortando-o tão profundo quanto.

—A mim, sim.

Ela deu um forte pisão.

—Para salvar os muros, necessito de você. Esperemos que isso seja suficiente por agora. —Seus dedos chamaram-no—. Vamos. Posso te mostrar o dano que estiveram fazendo.

A deusa não esperou que ele respondesse. Deu a volta, afastou-se dele e caminhou à esquina mais afastada da parede. Não, não caminhou. Ela deslizou, um sonho de estrelas fugazes brilhando ao crepúsculo.

Geryon vacilou somente um momento antes de segui-la, respirando profundamente em seu aroma de madressilva com o passar do caminho.

Dhl

Capitulo 4

Para surpresa de Geryon, ninguém saltou das sombras quando caminhava; ninguém o esperava para castigá-lo por atrever-se a deixar seu posto. Era realmente livre? –oderia atrever-se a ter esperança?

A deusa não o olhou quando a alcançou, mas deslizou a ponta de um dedo ao longo de um fino sulco, aberto na metade da pedra. Um sulco que se bifurcava em diminutas estrias, igual a tênues rios fluindo até o oceano.

—É pequeno, sei, mas cresceu desde que o vi ontem. Se os demônios continuarem seu abuso, seguirá crescendo até que as fendas na rocha se dividam completamente em duas, permitindo que entrem em legiões ao reino humano.

—Com um simples demônio liberado sobre o crédulo mundo,— resmungou ele— , reinariam a morte e a destruição. Não podia permitir que acontecesse tal coisa. A inocência nunca deveria se tomar dessa maneira. Era muito preciosa.

—O que tenho que fazer?

Deu-lhe um afogado ofego.

—Poderá ajudar-me? Inclusive sabendo que já não está preso ao príncipe?

—Sim. —Se ela dizia a verdade e ele era livre, não tinha lugar aonde ir. Tinham passado muitos séculos, sua casa já não existia. Sua família estava morta. Além disso, ele possivelmente ansiava a liberdade que a deusa prometia, mas temia confiar nela. Ela possivelmente não era maliciosa, mas Lúcifer certamente sim, era.

Com o príncipe, sempre havia uma armadilha. Ser livre hoje não significava necessariamente estar livre amanhã.

Não, ele não se atrevia a negar.

—Obrigado. Eu não esperava—eu..., por que vendeu sua alma? —perguntou brandamente, riscando novamente a greta.

Houve um batimento do coração de silêncio.

—O que me fará fazer? —repetiu ele, procurando essa resposta. Ele não desejava admitir a razão de sua loucura e subjacente humilhação.

Seu braço caiu a um lado, e sua expressão suavizou-se.

—Sou Kadence —disse ela, como pensando que lhe tinha perguntado por seu nome mais que por suas instruções.

Kadence. Como gostava da maneira em que as sílabas giravam através de sua mente, lisas como a seda—deuses, quanto tinha passado desde que havia tocado um material tão fino?—e doce como o vinho. Quanto tempo tinha passado desde que tivesse saboreado tal bebida?

—Sou Geryon. —Uma vez, tinha tido um nome diferente. Uma vez que chegou ali, entretanto, Lúcifer o tinha renomado Geryon. Guardião dos Malditos, era a tradução, o qual era o que era e o que sempre seria.

Em algumas lendas, um demônio zombou uma vez dele, catalogando-o como um centauro de três cabeças. Outros, como um vicioso cão. Nada comparado com o que era ele, assim deixou de fazer caso das histórias.

—Estou às suas ordens —disse ele, acrescentando—, Kadence. Saboreando-o inclusive melhor em sua língua.

Com a respiração contida na garganta, ele escutou sua vacilação.

—Pronuncia meu nome como uma prece. —Em sua voz havia assombro.

Tinha-o feito?

—Sinto muito.

—Não o faça. —Suas bochechas se ruborizaram de forma preciosa. Então ela enlaçou suas mãos e trouxe a conversação de volta ao que deveria ser sua primeira preocupação.- Primeiro devemos remendar essas gretas.

Ele assentiu,mas disse:

—Temo que os muros já estejam comprometidos. Remendá-los simplesmente irá fortalecê-los por um tempo, mas possivelmente não acautelem uma eventual queda._ Ele se resguardou de acrescentar.

—Sim. Conhecendo os demônios como o faço, eles voltarão e infligirão mais dano. —Ela se voltou uma vez mais a ele. Uma vez mais seu olhar levantou-se para ele, pequenos pontos de temor girando onde só deveria haver satisfação. Um crime.

—Geryon —começou ela, só para fechar seus exuberantes lábios.

Isso fez que seu coração patinasse a uma abrupta parada. Era absolutamente tão encantadora, sua gentileza e calidez a colocava a um lado de tudo o que representava. Ele queria afastar a cabeça, esconder sua fealdade dela.

—Sim?

—Não deveria pedir isto a você, mas não sei mais o que fazer.

—Peça-me o que desejar. —Ele se encarregaria de que fosse feito, sem importar as conseqüências—. Será um prazer te ajudar.

—Rogo que recorde essas palavras. Já que depois de que reparemos o muro, devemos entrar no inferno—e caçar aos demônios que o destruiriam.

Capitulo 5

Geryon trabalhou durante horas reparando o muro, agradecido a Kadence que todo o tempo permanecia atrás. Os demônios eram perigosos, disse ele. Os demônios gostavam de suas presas vivas e frescas, disse ele. O que não disse foi que ela era frágil, quebrável. Não, ele não precisava dizê-lo; Ela lia os pensamentos no crescente calor de seus olhos. Por tudo isto, ela se negava a permitir que fosse sozinho. Ela não tinha trocado algo que certamente só obteria a ira dos deuses, só para lhe enviar a uma missão em que ele não podia esperar ganhar sem ela.

Enquanto os demônios não estavam ao seu comando, ela poderia obrigá-los a se dobrar a ela. Esperava. Além disso, possivelmente fosse frágil e quebrável na aparência, mas possuía um coração de ferro.

Algo que ela tinha provado finalmente antes com Lúcifer.

De menina, tinha sido uma força indomável. Um torvelinho que pisoteava algo e tudo em seu caminho. Não tinha sido intencional. Simplesmente seguia as tranqüilas inclinações do interior de sua cabeça. Dominação. Maestria. Quando se tinha dado conta de que tinha superado em muito a força mental de sua mãe, voltando para a brilhante deusa em uma casca sem vida, retirou-se dentro de si mesma, temendo a quem e o que era. Temendo o que podia fazer, embora fosse de maneira involuntária.

Tristemente, com aqueles temores vieram outros, como se tivesse aberto uma entrada em sua mente e tinha colocado um tapete de boas-vindas na porta. Medo das pessoas, lugares, emoções. Durante séculos tinha atuado tal qual um camundongo como a chamava Lúcifer.

Debaixo dos medos, entretanto, ela era ainda a deusa que tinha nascido para ser: Opressão. Ela triunfaria. Não se encolheria. Por favor, não deixe que me encolha, não mais.

Passara-se só uns momentos, Geryon havia aberto a contra gosto as pedras que bloqueavam a caverna de uma fossa de que saíam umas pequenas chamas e braços que se estendiam imediatamente. Ele tinha entrado primeiro, fazendo retroceder a ambos. Para sua surpresa, eles tinham obedecido imediatamente assim que ela atravessou. Parte dela queria acreditar que o tinham feito por que a tinham temido. A outra parte dela sabia que temiam Geryon.

—Pronta, deusa? —ele ancorou a si mesmo sobre a borda do muro. Estava à esquerda da porta, ela à direita—. Pronta? —Insistiu ele, estirando-se para ela. Para protegê-la? Ajudá-la? Eles estavam à borda de uma enorme rocha, depois de tudo, um ardente buraco esperava para recebê-los, se chegassem a cair.

—Sim.

Finalmente conhecerei seu toque. Com certeza não será tão divino como espera meu corpo. Nada poderia sê-lo. Mas justo antes do contato, ele baixou o braço e avançou pouco a pouco, afastando-se dela. Ela suspirou desiludida e colocou suas mãos à parede, equilibrando seus pés no fino suporte o melhor que podia.

—Por aqui. —Indicou ele para a greta com uma inclinação de seu queixo.

—De acordo. E ….Geryon? Obrigado, por tudo.

Em geral ela se transladava ao palácio de Lúcifer sem abrir a porta, com bastante medo de cair nesse buraco que ardia sem chama e explorar a baldia terra que esperava abaixo. Hoje não. Ela não podia.

—De nada. —Ele empurrou as pedras voltando a uní-las.

Ela moveu a mão sobre ela, deixando ali rastros de seu poder. Já que não havia um guardião estacionado à frente, a fortificação extra era necessária—apesar do fato que possivelmente a debilitasse.

Quando fragmentos de seu poder se aderiram às pedras, procurou ser cuidadosa para manter a distância delas. Supostamente Geryon era o único que podia tocar a porta sem conseqüências. Bom, além de Hades e Lúcifer. Para alguém mais, as pedras amontoariam sobre eles com indescritível dor e horror.

Nunca se tinha atrevido a comprovar essa hipótese.

Ocorreu-lhe algo, e inclinou a cabeça, estudando seu companheiro. Sem Geryon na porta, quem abriria as pedras para deixar entrar as almas condenadas? Possivelmente Lúcifer já havia designado outro guarda. Possivelmente? Ela riu entre dentes sem humor. Com certeza! Não podia deixar as portas indefesas. O conhecimento de que Geryon já não seria o homem que veria cada dia… entristeceu-a, pois quando as paredes estivessem a salvo, Geryon poderia ir, mas ela deveria permanecer ali.

Não pense nisso agora. Jogou um olhar ao seu redor. O ar era muito mais quente aqui, advertiu ela, sufocada. Tão quente, de fato, que o suor impregnou sua pele, gotejando descendo entre seus peitos. E quando Geryon moveu-se sobre ela para colocar-se à frente, aumentando a distância entre eles, ela agora não sentia o aroma decadente do poderoso varão; só cheirava o acre aroma da decadência. Os gritos e as maldições assaltaram seus ouvidos.

Algo ardente roçou a parte de trás do seu pescoço, e ela gritou.

Geryon saltou imediatamente, grunhindo e golpeando com sua garra. Mas a chama retrocedeu e ela juraria que a ouviu rir.

Não, não estavam intimidados por ela.

—Está bem? —perguntou Geryon.

—Sim. —disse ela, mas deuses, no que se pôs ela mesma?

Capitulo 6

—Possivelmente os muros não estavam tão danificados como eu temia. —disse Kadence ao Geryon. Mantendo um firme aperto, ela usava as gretas da pedra para se arrematar, inclusive sendo consciente do vazio aparentemente interminável que a esperava se perdia o equilíbrio.

—Como uma deusa pode esperar, ao menos.

—Sim, uma deusa pode esperar. —Geryon mantinha um constante passo frente a ela, permanecendo tão perto como lhe era possível cada polegada do caminho sem tocá-la realmente.

Ela desejava deslizar outra vez contra ele, bebendo em sua força, mais além dela tão somente por um momento, mas não o fez, temia muito assustá-lo. E nem sequer quando uma rocha desprendeu-se do pequeno suporte em que havia colocado o pé, fez que se abrandasse. Tristemente, nem ele tampouco.

—Não mostre medo às chamas. —disse ele—. Alimentam-se dele, tentam aumentá-lo.

—Estão vivos?

—Alguns.

—Queridos deuses. —Como não o tinha sabido?—. Não supunha que precisássemos subir. Pensei que cintilaríamos aonde quer que tivéssemos que ir.

Vá uma estúpida.

—Brilho?

—Sim. A habilidade de mover-se de uma localização a outra com um só pensamento.

—Seria difícil cintilar ao longo desta parede. Poderia terminar em um ponto onde não haja um suporte. Quando acabarmos ali, pode cintilar-nos ao fundo da fossa? Uma vez que estejamos ali, podemos procurar os demônios a pé.

—Não. —disse ela com um suspiro—. Eu gostaria, mas não. Nunca utilizei essa rota. Não saberia onde me deter, e bem poderia fazer que nos materializássemos clandestinamente.

Ele não mostrou nenhuma desilusão.

—Contudo, é um útil poder o que possui. Invejo você.

Pobre homem. Ele tinha estado preso às portas do inferno muito mais anos do que podia contar.

—Se pudesse cintilar a algum lugar no mundo, aonde iria?

Uma vez que destruíssem os demônios que tentavam escapar, possivelmente o levasse ali.

Ele grunhiu.

—Não desejo mentir a você, deusa, assim, não responderei a sua pergunta.

A curiosidade bombardeou-a. Por que não responderia a tal pergunta? A menos… A resposta envergonhava? Se era assim, por quê? Ela queria saber com desespero, mas deixou passar o assunto. Por agora.

Quando alcançaram o lado mais longínquo da parede, de algum modo ele posicionou a si mesmo atrás dela. De todos o modo não a tocou, embora ela sentisse seu calor pressionando suas costas, mantendo-a firme.

Não era um calor que incomodasse, incluído o forno sem chamas que era o inferno. O seu era… embriagador.

—Sinto dizer que é pior do que pensei que seria. —sua respiração escorregou sobre ela.

—O… quê? —perguntou ela, horrorizada. Estar perto dela era pior do que tinha pensado?

—O muro. Senão o quê?

Graças aos deuses, pensou ela soltando o fôlego. Mulher estúpida. Sua vida dependia desse muro. Não deveria importar se um homem a achasse atraente ou não.

Ela se obrigou a olhar para frente, sua mente centrada em seu trabalho, não no intrigante homem atrás dela. Ao menos um pouco. Os sinais de enormes arranhões abundavam. E o que do outro lado pareciam ser finos sulcos, aqui eram maciças crateras. A esperança abandonou-a.

—Estão mais decididos do que pensava. —disse ela, com voz ligeiramente trêmula.

Geryon ajustou seu apertão, seu braço sobre seu ombro. Um tremor rastelou por ela. Se estivesse nas pontas dos pés, sentiria sua pele contra seu medalhão. Embora houvesse passado centenas de anos desde que tinha tido um homem, recordava a comodidade que podia oferecer um simples contato.

—Não se preocupe. Não permitirei que a machuquem.

—E eu não permitirei que machuquem a ti. —jurou ela.

Rindo entre dentes, ele segurou fortemente sua cintura. Ela ofegou. Por fim. Era assombroso e maravilhoso… selvagem e intenso. Mas não havia comodidade nisto, como ela tinha esperado. Não, em troca experimentou uma excitação candente e abrasadora.

—Geryon?

—Tempo para cair, deusa. —disse ele, e então soltou as rochas, levando-a com ele sobre a borda.

Capitulo 7

Parecia que caíam para sempre. Geryon manteve um aperto de ferro sobre a trêmula Kadence, seu cabelo revoando ao redor deles como furiosos laços de seda. Ela gritou, algo que havia esperado, mas ela acabou por envolver suas pernas ao redor dele, algo que ele não havia feito.

Esta era a primeira prova do céu.

—Tenho-te —disse-lhe. Seu corpo preso perfeitamente contra o dele, branda onde ele era duro, suave, onde ele era caloso.

—Quando acabará? —sussurrou ela, mas ainda notou as correntes subterrâneas de medo em sua voz.

Eles não giravam, simplesmente caíam, mas ele sabia que a sensação podia ser horrorosa. Especialmente, refletiu ele, para alguém que estava acostumado a desvanecer-se de um lugar a outro.

—Logo.

Ele tinha caído antes assim uma única vez, quando Lúcifer levou-o ao palácio para explicar-lhe seus deveres. Mas ele nunca o tinha esquecido.

Igual a antes, as chamas acenderam ao seu redor, espetadas de ouro na estremecedora escuridão. Exceto antes, essas chamas tinham estalado igual a línguas de serpente, lambendo-o. E não o faziam agora… Temiam a ele? Ou à deusa?

Ela era mais que tudo o que Geryon imaginou. Mais valorosa, mais decidida. Cada momento que passava com ela, seu desejo aumentava. Ela era o a mente amanhecer na desolação de sua vida. Ela era o refrescante gelo em fumegante calor.

Ela não é para ti.

Feio como era, ela fugiria rápido e longe, se descobrisse quantas fantasias sua mente tinha começado a tecer sobre eles.

Ele, estendendo-a no chão, despindo-a, sua língua dançando sobre cada deliciosa polegada dela. Ela, gemendo de prazer quando ele saboreasse seu centro. Lançando um grito de abandono quando ele a enchesse com seu eixo.

—O que está mal? —perguntou ela, seu pânico ainda crescendo evidente.

—Nada vai mal. —mentiu ele—. Somente iremos um pouco mais longe e chegaremos. A aterrissagem a golpeará, mas eu absorverei a maior parte do impacto.

Ele moveu uma de suas mãos elevando-a e colocou-a na base de seu pescoço, oferecendo-lhe consolo, disse a si mesmo. Tinha tentado não tocá-la, tinha lutado com isso, mas não havia outra maneira de protegê-la no interior do buraco.

Qual era o mal em tocá-la com uma só mão?

—Mas você o reforçará.

Mais do que ela se dava conta, pensou ele com secura. Devo deixar de desejá-la. Sua pele era suave, tão suave, e ele sentiu pequenos golpes elevando-se sob sua palma enquanto a massageava brandamente.

Para seu prazer, seus músculos relaxaram sob seus cuidados.

—Diga-me que vai mal. —disse ela—. Está me ocultando algo, eu sinto. Sei que este buraco está feito para as almas, não para os corpos que respiram feitos de carne e sangue. Vamos a...?

—Não. Juro. Viveremos. —A conversação parecia acalmá-la, assim disse—. Fale-me de você, de sua infância.

—Eu... de acordo. Mas não há muito que contar. Não me permitia deixar meu lar de menina. Pelo bem maior. —acrescentou ela, como se a linha a tivesse alimentado antes tantas vezes.

Ele a abraçou aproximando-a, compreendendo-a. Por causa de sua natureza, ela tinha sido tão excluída como tinha sido ele.

—Deusa, eu... —o ar estava espessando-se ao seu redor, as chamas orvalhavam o que pareciam ser lágrimas fundidas. Ele reconheceu os sinais; o fim estava perto.

—Deixa cair suas pernas de mim, mas não deixe que toquem o chão.

—De acor...

—Agora!

Boom! Eles impactaram com o chão e Geryon plantou os pés enquanto o impacto vibrava através dele. Tentou permanecer direito para sustentar à deusa fora do chão, mas seus joelhos logo venceram e caiu para trás.

Kadence permaneceu em seus braços, embora ela tivesse desenredado suas pernas como ele havia pedido, então suas costas receberam o pior da queda, arrancando o fôlego de seus pulmões. Ele ficou estendido ali durante um momento, ofegando.

Eles estavam bem e realmente no interior do inferno.

Agora, ali não havia retorno.

Capitulo 8

—Geryon? Está bem?

A afogada escuridão da fossa de algum jeito tinha dado passo a brilhante luz, fogo iluminando cada direção. Kadence abateu-se sobre ele, igual ao sol que algumas vezes vislumbrava em seus sonhos, brilhante e glorioso.

—Estou... bem.

—Não, não está. Respira com dificuldade. O que posso fazer para ajudar?

Ele estava surpreso por perceber que ela não subia sobre ele, agora que estavam a salvo. Bom, tão a salvo como podia estar uma pessoa dentro do inferno.

—Conte-me mais a respeito de você, enquanto recupero a respiração.

—Sim, sim, é óbvio. —Quando falou, suas delicadas mãos revoando sobre suas sobrancelhas, mandíbula, ombros. Procurando feridas? Oferecendo consolo?—. O que deveria te contar?

—Algo. —Ele estava pondo-se mais forte no momento, mas ele não o admitiu, ao contrário, desfrutava da sensação de seu contato—. Tudo. Quero saber tudo de você.

Certo.

—De acordo. Eu... deuses, é difícil. Suponho que começarei pelo princípio. Minha mãe é a deusa da Felicidade. Estranho, sei, que tal mulher possa dar a luz a alguém como eu.

—Por que estranho? —Quando olhar a Kadence, ouvir sua voz, respirar seu aroma, dava-lhe mais alegria do que tinha conhecido jamais?

—Por causa do que sou. —disse ela, claramente envergonhada—. Por causa do dano que posso causar.

—Eu não conheci nada exceto —prazer, fome, desespero—, bondade em suas mãos.

Suas tribulações cessaram e podia sentir seu olhar contemplando-o.

—Seriamente?

—Sim, seriamente. —Não deixe de me tocar. Passaram séculos da última vez que desfrutasse sequer do contato mais débil. Isto era o Nirvana, o paraíso e um sonho dentro de um encantador pacote.

—Minha cabeça. —encontrou a si mesmo dizendo-lhe em um gemido.

—Pobre pequeno. —arrulhou ela, massageando suas têmporas.

Ele quase sorriu. Agora não era momento para isso. Estavam no interior do Inferno, completamente expostos, possíveis alvos. Mas ele não podia ajudar a si mesmo, estava muito desesperado, ambicioso. Só um pouco mais.

—Sua história. —apontou ele.

—Onde estava? Oh, sim. —Seu aroma de madressilva envolveu-o, afugentando o aroma da putrefação—. Eu era uma menina como qualquer. Não compartilhava meus brinquedos, e freqüentemente fazia chorar outros meninos, obrigando-os a "voluntariamente" dobrarem-se a minha vontade. Certo, possivelmente algumas dessas vezes não fossem tão voluntárias. Acredito que essa é uma das razões pelas quais me enviaram como guardiã do inferno, embora nunca tenham dito em voz alta. Os deuses queriam se desfazer de mim.

Quão abandonada soava.

—Cada criatura viva cometeu um engano em um ou outro momento. Além disso, era uma menina. Ainda não sensibilizada aos sentimentos de outros. Não se culpe.

—E você? —perguntou ela, e esta vez soava mais flutuante.

Ele tinha relegado suas lembranças humanas a um longínquo rincão em sua mente, para não ser tido nunca mais em conta. Antes, pensar nesses dias o tinha aguilhoado, porque sabia que estavam perdidos para sempre—mas recordou a si mesmo que o abandono de sua esposa, tinha sido uma boa coisa. Hoje, entretanto, com a essência do Kadence ao seu redor, só experimentava um tinido da tristeza que possivelmente tivesse sido.

—Eu era um menino selvagem, indomável, um vagabundo. —Disse ele—.Minha mãe desesperou-se, pensando que eu preocuparia a ela e a cada membro de nossa família até a morte. —Riu ele, sua doce cara envelhecida passando por sua mente— . Então eles apresentaram-me a Evangeline. Ela me acalmou, porque eu queria ser digno dela. Casamo-nos, como nossas famílias desejaram.

Kadence ficou rígida.

—Estava… casado?

—Não. Ela me deixou.

—Sinto muito. —Disse ela, mas havia alívio em seu tom.

—Não o faça. —Se ele não tivesse dado sua alma a Evangeline, ela teria morrido. E não teria deixado Geryon, lutando possivelmente com Lúcifer quando chegou o momento de se converter em seu guardião. E de ter lutado, possivelmente não teria conhecido a Kadence.

De repente um frenético grunhido ressoou através da estadia. Deixando de lado toda pretensão de estar convalescente, Geryon incorporou-se de repente, levantando a deusa com ele e procurando na distância.

Um demônio estava correndo diretamente para eles.

Capitulo 9

Geryon empurrou Kadence atrás dele. Outro toque, —quente, pele acetinada, perfeita—e desejou deleitar-se nela. Não o fez, não podia. Tinha consentido em vir com ela para salvar o reino humano, sim, mas também para mantê-la a salvo. Não porque fosse uma deusa, nem porque fosse a coisa mais formosa que inclusive tinha contemplado, se não porque, neste simples dia, ela havia feito com que se sentisse um homem, não uma besta.

—Você se recorda que jurei não deixar que lhe fizessem nenhum dano? —disse-lhe ele. Um minuto, possivelmente dois, e a criatura os alcançaria. Rápido como era, havia uma grande distância para cobrir, as ruas do inferno estendiam-se sem fim.

—Geryon. Possivelmente possa…

—Não. —Não queria envolvê-la numa briga. Ela já estava tremendo de medo. Estava tão assustada, de fato, que ainda tinha suas mãos descansando sobre suas costas, duplo condutor de um inexorável prazer. Se soubesse, certamente afastaria as mãos de repente.

—Lutarei contra isso. —Se ela tentasse, isso alimentaria seu temor, enlouquecendo-o mais.

Como faziam a maioria dos seguidores, a criatura que veio para eles possuía uma esquelética cara e um musculoso corpo coberto de escamas verdes, sua língua bifurcada estalava como se o sangue já cobrisse o ar. Uns brilhantes olhos vermelhos fulminaram-nos com o olhar, um milhar de pecados descansando onde deveria ter as pupilas. Os instintos de guerreiro exigiam que Geryon se adiantasse e se encontrasse na metade do caminho com o bastardo. Lutando ali, como verdadeiros soldados.

Contudo, cada instinto masculino exigia que ficasse onde estava. Pôr qualquer distância entre si mesmo e Kadence era colocá-la em adicional perigo. Outro demônio poderia estar à espreita, esperando a possibilidade de se jogar em cima dela.

—É minha culpa. —disse ela—. Não importa que tenha começado a me relaxar, meu temor por este lugar me impregna até os ossos. E esse medo é igual a uma baliza para eles, não?

Ele escolheu não responder, temendo assustá-la mais por reconhecer a verdade de suas palavras.

—Quando nos alcançar, quero que corra em sentido contrário. Fique no muro e grite por mim se ver aparecer algum outro demônio.

—Não, quero te ajudar. Eu…

—Fará como te digo. De outra maneira, o derrotarei e deixarei este lugar. —seu tom era intransigente. Já lamentava trazê-la aqui, precisasse defender ou não a parede.

Ela ficou rígida contra ele, mas não ofereceu outro protesto.

Um grito de, “Meu, meu, meu,” enchia o ar.

Esta criatura acercando-se, rapidamente… quase… ali. As garras de Geryon flexionaram-se quando agarrou seu oponente pelo pescoço. Múltiplas salpicaduras mancharam-lhe a cara, seguida pelo quente jorro de sangue. Girando os braços, chutando as pernas. Só quando a tentação das mãos de Kadence desapareceu, Geryon começou a lutar seriamente com vigor. Lançou a criatura ao chão e saltou sobre ela, fixando os ombros com seus joelhos. Um murro, dois, três.

Esta resistiu, selvagem e feroz. A saliva brilhando sobre suas presas enquanto as maldições erupcionavam de sua ossuda boca. Outro murro. Outro mais. Mas os golpes falhavam em submetê-lo de qualquer modo.

—Onde está Violência? Morte? Dúvida? —gritou-lhe.

A luta continuava, intensificando-se, o temor cobrando vida naqueles olhos vermelhos. Não assustava à criatura o que fazia Geryon, sabia, o que a aterrava era o que seus irmãos demônios fariam a ela se descobriam qualquer traição.

Embora Geryon odiava que Kadence pudesse vê-lo matar —outra vez—não podia fazer nada para evitá-lo. Depois de tudo, era o que tinham vindo fazer aqui.

Ele elevou as mãos, estendendo suas alargadas, bicudas unhas e golpeando. O veneno que cobria suas unhas era “um presente” de Lúcifer para ajudá-lo em seus

deveres e levá-los a cabo rapidamente, sem piedade, se estendendo através do corpo da criatura e rodando de dentro para fora. Esta gritou e chiou em agonia, sua luta logo se converteu em um mero retorcer-se. Então, as escamas começaram a se consumir, fumegando, chispando, deixando somente mais daquele feio osso. Mas os ossos também desintegraram-se. A cinza cobriu o ar, voando em cada direção.

Geryon levantou-se sobre suas instáveis pernas. Continuou dando as costas à Kadence durante vários minutos, aguardando, esperando—temendo—que ela dissesse algo. O que pensaria dele agora? Haveria mais de seus cuidados? Finalmente, a curiosidade foi mais forte que ele e girou sobre seus calcanhares.

Ela permanecia exatamente como havia ordenado, as costas pressionadas contra a parede de rocha. Aqueles gloriosos cachos caindo em cascata ao seu redor. Seus olhos estavam completamente abertos e cheios com... Admiração? Certamente não.

—Venha a mim. —disse ela.

Capitulo 10

Kadence tinha sido incapaz de conter seu rogo. Geryon permanecia a vários pés de distância, ofegando dolorosamente, suas bochechas cortadas e ensangüentadas, suas mãos cobertas com o sangue de seu oponente.

Seus olhos escuros estavam mais precavidos que antes.

—Venha a mim. —disse ela outra vez. Ela o chamou com um ondeio de seus dedos.

À primeira vez, ele não reagiu. Como se pensasse que não podia tê-la ouvido corretamente. Então piscou e sacudiu a cabeça.

—Desejas... castigar-me por minhas ações?

Homem estúpido. Castigá-lo? Quando a tinha salvado? Sim, parte dela estava zangada porque ele a manteve separada da luta, ameaçou-a—jurando—deixar de fazer o que tinham que fazer aqui. Mas parte dela estava aliviada. Não sou uma covarde. Não mais. Na próxima vez, atuarei. Não importam seus desejos, nem os meus.

—Kadence, —disse Geryon, e deu-se conta que tinha estado contemplando-o, em silêncio.

—Nunca te castigaria por me ajudar.

Ele piscou de novo.

—Mas... eu matei. Feri outra criatura.

—E foi ferido no processo. Venha, deixa que atenda suas feridas.

Ainda resistia.

—Mas terá que pôr as mãos sobre mim.

Ele disse como se pensasse que só a idéia deveria repugná-la:

—Sim, sei.

Um vacilante passo, dois. Nesse passo, nunca a alcançaria. Suspirando, cortou ela mesma o resto da distância, entrelaçando seus dedos—experimentando uma poderosa sacudida, ofegou—e levou-o às rochas.

—Sente-se, por favor.

Quando ele obedeceu, retirou sua mão das dela e acariciou a parte em que tinham estado conectadas. A mesma sacudida tinha atravessado seu corpo? Ela esperava que sim, porque não queria estar sozinha nesta... atração. Sim, atração, precaveu-se. Física, erótica. Do tipo que incitava uma mulher a deixar suas inibições e convidar um homem a sua cama. Se aquele convite era aceito ou não, era uma história diferente.

Resistente como era Geryon, ela estava segura de que a evitaria. E possivelmente isso seria o melhor. Sua maneira de fazer amor tendia a assustar aos homens, de todas as formas. Porque quando ela alcançava o prazer, não podia controlar sua natureza. As cadeias que tinha levantadas rompiam-se, liberando sua vontade com uma vingança.

Fisicamente, seus amantes convertiam-se em seus escravos. Mentalmente, eles a amaldiçoavam, sabendo que ela roubava sua liberdade de escolha, embora tivesse sido involuntariamente. Ela nunca tinha ido à cama duas vezes com o mesmo homem, e, depois de três tentativas, deteve-se completamente. Um, tinha considerado má sorte. Dois, coincidência. Três, sem dúvida, culpa dela.

Como responderia Geryon? Ele a odiaria? Provavelmente. Ele já conhecia os horrores de ser preso à vontade de alguém. Não duvidava que a liberdade fosse a coisa mais preciosa em sua vida.

Suspirando, rasgou várias tiras de tecido do fundo de seu vestido e ajoelhou-se diante dele, entre suas pernas. Seu pênis estava oculto por uma curta saia de couro e filigranas de metal. A vestimenta de um guerreiro. Possivelmente seria atrevido de sua parte, mas queria ver o que ocultava ali. Ela lambeu os lábios, pensando que possivelmente, se ela…

Como se pudesse ler sua mente, ele conteve o fôlego com uma brusca aspiração.

—Não o faça. —disse ele.

—Sinto muito. Eu…

—Não se detenha.

Capitulo 11

Não se detenha?! Estava dizendo-lhe que afastasse a armadura dele do meio? Ou simplesmente que o limpasse como tinha prometido? Ele já estava nervoso, ao extremo, e tinha resistido, inclusive, ao mais leve dos toques. Temendo arriscar-se equivocadamente, inclinou-se, elevando-se e limpando-lhe o sangue da cara com uma das tiras de tecido. Estamos atuando novamente como covardes, não é?

Seu delicioso aroma encheu-lhe as narinas, uma brisa de meia-noite que inexplicavelmente recordava o seu lar. Um amplo e opulento lar que não tinha sido capaz de visitar desde que tinha aceitado, a contra gosto, fiscalizar a fortificação do inferno. Como sentia saudades.

—Em todos os anos que o conheci —disse ela, evitando cuidadosamente a navalhada mais profunda—, nunca deixou seu posto na porta. Você come? —Ao primeiro contato, saltou. Mas ela manteve um estável e casual ritmo e gradualmente ele relaxou.

Possivelmente, um dia a permitisse fazer mais. O escravizaria, entretanto, como tinha feito aos outros?

—Não. Não há necessidade.

—Seriamente? —Inclusive ela, uma deusa, necessitava comida. Podia sobreviver sem ela, sim, mas se consumiria, fazendo uma mera casca vazia de si mesma.

—Como sobrevive, então?

—Não estou seguro. Só sei que deixei de precisar de alimentar-me no dia em que fui jogado aqui. Possivelmente a fumaça e o fogo me mantem.

—Não sente falta disso? Dos sabores e das texturas, quero dizer.

—Passou tanto tempo desde que vi sequer um pão, que raramente penso na comida.

Ela queria alimentá-lo, pensou. Queria tirá-lo desse pesadelo e introduzí-lo em um banquete com mesas cheias, transbordando todo tipo de iguarias, delícias adornando suas superfícies. Queria ver sua cara iluminada pelo êxtase quando provasse um pouco de tudo. Ninguém deveria ser obrigado a passar sem tal alimento. Quando seu rosto estava limpo, ela começou a cuiar de seu braço direito. Marcas de furiosas garras marcavam-no, e ela sabia que deveriam estar doendo. Entretanto, não emitia nenhuma só palavra ou mentia sobre isso. Não, realmente parecia… feliz.

—Não tem razões para estar triste. Eu estou agradecida pelo que está fazendo e espero te reembolsar isto um dia de algum jeito.

—Não é que deseje que saia machucada, —disse ele rapidamente—. Não o desejo. —O horror empalideceu seus rasgos—. Odiaria algo assim. Acredite-me. Só quero te ver sã e completa.

Seus lábios curvaram-se em um lento sorriso.

—Entendo o que quer dizer. —Acabando com seus cuidados, ela pôs as mãos no colo. Ela não se moveu de sua posição entre as pernas dele, porque uma idéia tinha criado raízes em sua mente. Possivelmente ele não estivesse preparado para que lhe tirasse a armadura—ele era tão sensível a respeito de sua aparência, depois de tudo—mas isso não queria dizer que a rechaçasse...ou outras coisas. E ele parecia demonstrar que havia desfrutado das suas mãos sobre ele.

—Posso te fazer uma pergunta, Geryon?

Ele assentiu vacilante.

—Pode me fazer tudo o que queira.

Tinha pretendido ele que as palavras emergissem tão sensualmente? Tão roucas e ricas?

—Estou... a seu gosto?

Ele afastou o olhar dela e assentiu novamente.

—Mais do que deveria. —murmurou ele.

O pulso dela revoou loucamente.

—Então, estaria encantada se me beijasse.

Capitulo 12

Beijá-la?

—Não deveria. Não posso. —Embora, pelos deuses, Geryon queria, desesperadamente, e encontrou-se olhando diretamente seus lábios. Eram luxuriosos e vermelhos. Brilhantes. A boca dele encheu-se de água por prová-los. Seus chifres, sensíveis como eram a suas emoções, palpitaram.

Aqueles preciosos lábios afundaram-se em um franzido cenho.

—Por que não? Diz que você gosta. Está mentindo para proteger meus sentimentos?

—Nunca te mentiria. E eu gosto. É preciosa e forte, a coisa mais fina que conheci jamais.

—Você me acha formosa? Forte? —O prazer iluminou sua expressão—. Então, por que não me beija?

—Certamente te machucaria.

Sua cara enrugou-se adoravelmente em sua confusão.

—Não entendo. Nunca me fez mal antes.

—Meus dentes... são muito afiados. —ele não acrescentou que sua mão era muito tóxica, sua força muito capitalista. Se perdesse o controle de si mesmo e a apertasse, o qual era uma possibilidade, considerando o muito que a desejava, possivelmente saíria ferida. Também assustada. Possivelmente, inclusive, irreparavelmente machucada.

—Quero arriscar-me —disse ela, pousando suas palmas sobre suas coxas e queimando-o até o mais profundo de sua alma.

Ele odiava e amava sua meia armadura nesse momento. Odiava-a porque mantinha-o afastado do contato de pele com pele. Adorava-a porque bloqueava o olhar das partes de sua monstruosa forma.

—Por quê?

Que razão podia ter para querer colocar seus deliciosos lábios sobre algo tão... repugnante? A simples curiosidade não conduzia uma fêmea a tal ato. Evangeline tinha vomitado a primeira vez que tinha visto seu aspecto modificado.

—Por quê?! —Dois círculos rosados coloriram as bochechas de Kadence, mas ela não aFastou seu olhar.

—Por quê? —insistiu. Ele colocou suas mãos sobre as dela. Tragou ante sua embriagadora sedosidade.

—Você me salvou.

Então ela estava apenas agradecida. Seus ombros caíram em desilusão. Realmente esperava que o desejasse? Não, ele não tinha esperadopor isso—mas tinha tido esperança.

—Seria desonroso te beijar por tal razão.

Embora ela permanecesse de joelhos, elevou-se até que estivessem simplesmente a um sussurro de distância.

—Então faça-o porque estou desesperada, necessitada. Faça-o porque, de repente, dei-me conta de quão rapidamente algo me pode ser arrebatado, e desejo conhecer alguma parte de ti antes que eu...

—Por que você... —ele conseguiu afogar-se. Estava desesperada? Necessitada?

—Faça-o. —rogou ela.

Sim. Sim. Geryon não podia resistir mais, desonroso ou não. Seria cuidadoso, jurou a si mesmo. Muito cuidadoso. Ele inclinou-se o resto do caminho, pressionando brandamente sua boca contra a dela. Ela não se voltou para trás. Ofegou, separando os lábios, e ele introduziu sua língua no interior. Ele a provou... tão doce, igual a uma tormenta de neve depois de um milênio de fogo.

—Mais. —disse ela—. Mais profundo. Duro.

—Está segura?

—Mais do que nunca estive.

Havia passado séculos desde que tinha beijado uma mulher e nunca nessa forma, mas começou a empurrar sua língua contra a dela, fazendo-as rodarem juntas, retirando-se, então, voltando por mais. Quando sentiu seus dentes raspando os seus, ficou rígido. E quando ela gemeu, tentou afastar-se. Mas um dos seus braços deslizou por seu peito, ancorando-se ao redor de seu pescoço, o outro acariciando um chifre. Tão sensível era a protuberância, que teve que agarrar as coxas, afundando profundamente as unhas, para manter suas garras afastadas dela.

—Você gosta? —perguntou ela.

—Sim. —Conseguiu dizer.

—Bem. Eu também.

Seus exuberantes seios apertaram-se contra seu peito, seus mamilos endurecidos e exigentes.

Estava desfrutando ela de seu beijo? Os tremores estremeceram-no, suas línguas começaram outro baile, seus músculos tensos contra a luta por manter-se exatamente como estava. A cada momento que passava, cada som entrecortado que surgia dela, seu controle rompia-se um pouco mais. Desejava senti-la revolver-se embaixo dele, subir sobre ela e marcá-la, marcá-la com tanta força que gravaria a si mesmo em cada polegada dela. Em cada célula.

—Basta. —Disse ele finalmente—. Temos que parar. —Ele incorporou-se, afastando-se dela, entretanto, já saboreava a aflição por sua perda. Deu-lhe as costas, ofegando, seu coração pulsando acelerado.

—Fiz algo errado? —perguntou brandamente, e havia cautela em sua voz.

Oh, sim. Roubou um coração que não posso permitir que seja entregue. Ele tinha prometido a ela não mentir nunca, entretanto, somente respondeu.

—Vamos. Não podemos esperar mais. Temos que caçar demônios.

Capitulo 13

Eles se detiveram no primeiro edifício que chegaram a ver: um botequim. Um real, botequim para deuses honestos, onde o sangue era servido como se fosse álcool. Kadence sabia que tais coisas existiam aí embaixo, mas ainda não acreditava. Demônios, atuando como humanos.

Eles fizeram uma difícil viagem de duas milhas da entrada da fossa até ali. Uma difícil viagem de duas milhas em que ela ficou recordando o transcendental beijo de Geryon, amaldiçoando-o por detê-lo e preocupando-se com seus motivos.

Através de sua interminável vida, tinha dado as boas-vindas somente a três amantes a sua cama, e os três tinham sido deuses. Se os deuses não tinham sido capazes de dirigí-la, não havia forma de que Geryon pudesse. Mas ela tinha esperança. Dessa vez não pensava em controlar sua natureza, só em desfrutar. Contudo, Geryon tinha se afastado dela, assim como os outros. Sou tão terrível? Uma pessoa tão horrível?

Mais que os outros, ela tinha querido que Geryon encontrasse o prazer com ela porque ela queria mais. Apreciava quem era quando estava com ele. Gostava como se sentia quando ele estava perto. Em vez disso, ela o aborreceu? Havia falhado em despertá-lo, inclusive do modo mais leve?

—Fica ao meu lado —disse ele abrindo as balanceantes portas do botequim. Essas eram as primeiras palavras que ele pronunciou desde que recordou sua busca.

—E mantenha o capuz sobre sua cabeça. Por certo, está envolvida no encanto?

Sua voz era profunda e áspera e acariciava cada um de seus chorosos sentidos. Certamente não lhe repugnava. Certamente não a repelia. Ele tinha se contido durante seu beijo, tinha-a detido, mas quando olhou-a, fez com que se sentisse como a única mulher no mundo. A mais formosa, a mais desejada. Um tesouro, algo que apreciar. Ele se deteve um momento antes de entrar.

—Kadence? —pigarreou— Deusa?

—Usarei o encanto comigo mesma e ficarei ao seu lado, —disse ela, embora por dentro suplicava, “Diga-me porque me afasta continuamente”.

Não o fez. Assentiu e seguiu adiante. Ela ficou perto, como tinha prometido, projetando mentalmente a imagem de ossos e escamas. Qualquer que olhasse em sua direção pensaria que viam um dos seus. Só podia esperar que seu temor também ficasse mascarado.

A insultante risada e os gritos cheios de dor assaltaram imediatamente seus ouvidos. Tragando ar, dirigiu seu olhar ao redor da habitação. Tantos demônios... vinham em todas as formas e tamanhos. Algum parecido à imagem que ela projetava, ossos e escamas. Alguns eram metade homem, metade touro. Alguns eram como dragões com focinhos a jogo. Todos eles reunidos em uma laje de pedra. Uma laje móvel?

Não, móvel não, deu-se conta , o horror reclamando-a num forter apertão e quase esmagando seus pulmões. Havia espíritos humanos sobre a pedra. Os demônios estavam fazendo-os em pedaços, comendo seus interiores. Infelizmente, não havia paz para o condenado. Só eterna tortura.

—Deuses, —ela não podia nem respirar—. Como podemos derrotar uma horda destas?

—Por aqui. —Geryon e ela passaram por um lado e saíram do caminho, e ela sabia que isto era para que eles pudessem observar o que estava acontecendo sem chamar a atenção—. As criaturas que está vendo aqui são seguidores, soldados e serventes. Não são com quem tenho que lutar.

Isso é certo, pensou ela, seu estômago dando voltas. Violência, Morte e os outros Senhores Demônios. Enquanto os seguidores desfrutavam da agonia de sua presa, sua atenção principal estava completamente dedicada a uma básica necessidade: a fome. Os Senhores só se preocupavam da agonia. Prolongando-a, incrementando-a às

profundidades da loucura. E quanto mais agonia infligiam, mais gritos obtinham e mais fortes se voltavam.

OH, sim. Eles eram muito piores que qualquer destes daqui.

Capitulo 14

—Cheira bem, como o medo —grunhiu repentinamente algo ao lado do Kadence—. Mmm, estou faminto.

Assustada, ela ofegou. Geryon tentou puxá-la para trás dele, mas ela resistiu. Desta vez, não se afundaria no chão, obrigando-o a fazer todo o trabalho, assumiria todos os riscos. Desta vez, brigaria.

—Afaste-se ou morre. —disse ao demônio.

Este franziu o cenho.

—Parece comigo. Por que cheira tão bem? —assim, lambeu os lábios, a saliva gotejando das comissuras de sua boca fina como o papel. Estava coberto de escamas amarelas que só lhe chegavam ao umbigo.

Um tremor estendeu-se através dela sacudindo-a. Recorda quem é. Recorda o que pode fazer.

Desse modo, aproximou-se mais.

—Está advertido, —disse ela, abraçando a si mesma.

—Espere lá fora, Kadence. Por favor. —Geryon tentou ficar na frente dela.

Ela o bloqueou, sem olhá-lo.

—Não. Não lutará sozinho contra eles.

Enquanto falavam, o demônio continuava aproximando-se deles, as garras alargando-se.

—Por favor, Kadence. —Geryon puxou-a—. Preciso saber que está a salvo. De outro modo, me distrairei e um guerreiro distraído é um guerreiro morto.

—Não posso atuar como uma covarde. Não mais. Além disso, se isto funcionar, você não terá que lutar com ele absolutamente. —Ela era a guardiã do inferno; tinha passado tempo desde que tinha atuado assim. Tinha passado o tempo de que governasse em vez de ser uma simples observadora.

—Isso não tem nada a ver. Não quando se trata de sua segurança.

De um momento a outro a criatura deixaria esse andar pouco majestoso e correria. Ela sabia, podia senti-lo. Kadence alcançou seu próprio interior ao tempo que elevava o queixo e fixou seu olhar, surpreendida de encontrar seu poder tão facilmente acessível. Podia tentar suprimí-lo, mas sempre estava ali, nunca em silêncio, um mar raivoso em seu interior.

—Detenha-se. —disse ela e a criatura estancou no lugar, sua mente ainda funcionando, mas cada parte de seu corpo obedecia a ela. Durante um momento, simplesmente embriagou-se de sua própria obra, assombrada. Consegui. O demônio nem sequer fez a tentativa de aproximar-se novamente dela—embora o assassinato brilhasse naqueles olhos parecidos com duas gotas brilhantes.

—Passou algo, —disse Geryon, parecendo confundido.

—Eu sou esse algo, —disse ela, orgulhosa de si mesma—. Observa. —Disse ao demônio—. Levanta os braços por cima da cabeça.

Instantaneamente, este obedeceu, elevando ambos os braços ao ar sem uma palavra de protesto. Mas claro, ela estava de posse de sua boca também. Claramente, ele não tinha querido cumprir sua demanda, já que seu olhar fixo seguia traduzindo seu ódio por ela.

A alegria explodiu dentro dela. Por uma vez tinha utilizado sua habilidade para o bem: para salvar a alguém que ela… admirava enormemente. Queridos deuses.

Apaixonou-se por Geryon? Adorava estar com ele, amava a maneira como a fazia sentir: apreciada, protegida. Mas isso queria dizer que havia entregado seu coração a ele? Certamente não.

—Olhe, Kadence. —Geryon assinalou a laje—. Olhe o que está acontecendo.

Ela seguiu a direção de seu dedo e ofegou. Cada demônio congelou-se no lugar, suas mãos no ar. Inclusive os espíritos tinham deixado de se retorcer. Não havia risadas, nem gritos. Só podia ouvir o som de sua própria respiração.

—Você fez isso? —perguntou Geryon.

—Eu… sim.

—Estou assombrado.

Sua alegria intensificou-se.

—Obrigado.

—Podem me ouvir? —Quando ela assentiu, ele sorriu lentamente e gritou às criaturas—. Ouçam-me bem. Partam e digam a cada Lorde Demônio que o guardião está aqui e que desceu para destruí-los. —dirigiu-se à Kadence—. Agora libere-os.

Pensando que queria protestar, Kadence fez como pediu. Em menos de uma piscada, as criaturas estavam fugindo do edifício tão rápido como lhes era possível, deixando ela e Geryon sozinhos.

—Por quê?

Seu sorriso acentuou-se.

—Agora esperaremos. Eles virão a nós.

Capitulo 15

Geryon fortificou o edifício contra o ataque tão bem como foi capaz, considerando a carência de provisões e instrumentos. Kadence permanecia ao seu lado, emprestando um toque espiritual sempre que era necessário, forçando as tábuas e as pedras a se dobrarem a sua vontade. Ele se deu conta de que ela ficava mais pálida a cada minuto que passava.

—Qual é nosso plano de batalha? —Perguntou ela quando terminaram, apoiando-se contra a parede mais afastada. O único lugar sem sangue ou… outras coisas pelo estilo.

Mantê-la viva, por qualquer meio que seja necessário. Ele se uniu a ela, cuidando de não tocá-la. Um toque e a teria de volta aos seus braços. Precisava estar alerta, em guarda.

—Você deverá encerrá-los no lugar e eu os matarei.

—Rápido e fácil —disse ela com um anel um tom de esperança na voz—. Quanto tempo acha que temos?

—Umas poucas horas. Levará um tempo para que a notícia da minha chegada revele minhas intenções. Mais ainda para que os Senhores unam suas forças e planejem um ataque. —Geryon rastelou uma garra através do piso de madeira para destroçar a maldição sobrecarregada ali, fragmentos de pedra voando pelo ar—. Entendo porque Lúcifer deseja que destrua os demônios que tentam abandonar o Inferno e assim impedir a todos os outros demônios que lhes sigam, mas por que isso importa tanto a você?

Ela deu de ombros.

—Quando consenti em entrar neste reino, eu acabei… conectada a isso. Se a parede for derrubada, eu morro.

Morreria?

—Por que não me disse isso antes? —grunhiu ele—. E por que te uniria com tal coisa? Por que viria até aqui por própria vontade?

—Se tivesse ficado nos céus, teria sido castigada a cada minuto de cada dia. Ninguém é mais cruel nesse sentido que os deuses. Ele me queriam aqui, assim vim. Mas eu não tinha idéia de como esse vínculo seria permanente. Quão poderoso seria.

Assim dizendo-lhe, ela deu de ombros—. Você tem finalmente permissão para deixar seu posto e ainda assim escolheu me ajudar. Não queria te preocupar. Agora que me salvaste, outra vez, não desejo mentir.

Kadence. —Disse ele, então sacudiu a cabeça—. Deveria ter permanecido no interior da porta, sem ti, e matar aos Senhores quando se aproximassem. Agora, o muro está desprotegido, e você está cada vez mais em perigo.

—Eles teriam visto você e teriam partido, já que não há nenhum lugar onde se ocultar neste buraco.

—E isso estaria bem comigo. Isso teria mantido você a salvo.

—Isso não é nenhum tipo de vida para você, permanecendo simplesmente à espera.

—É a vida à qual estou acostumado.

—Mas merece mais! —afastando o olhar dele, riscou com a ponta do dedo sobre a área em que ele cravou as unhas—. Temos que fazer isto. Ou melhor dizendo, eu tenho que fazê-lo. Mas quero que saiba que se cair, o muro ficará como está, já que não está preso a mim. Fui ferida tantas vezes ao longo dos anos e contudo não mostra sinais de estar prejudicado.

—Não me importa o maldito muro!

Seus olhos alargaram-se. Então tragou o ar e continuou como se ele não tivesse falado.

—Sem mim, não haverá ninguém que sinta quando algo esteja mal. Os deuses terão que encontrar alguém novo. Eu sei que agora é livre, mas… Poderia ficar aqui, vigiando, até que apareça essa pessoa? Inclusive se Lúcifer já designou um novo guardião?

—Você não vai morrer, maldita seja. Agora, me diga por que Lúcifer permitiu que entrasse? Ele te necessita do lado de fora.

A cor acendeu suas bochechas. Vergonha? Culpa?

—Ele também precisa proteger seu muro.

Culpa, principalmente. Estava em sua voz, ecoando nos muros.

—Ele poderia ter destruído ou aprisionado aos Senhores Demônios.

—Se puder capturá-los.

—Concedo-te isso. —Geryon tamborilou dois dedos contra seu queixo, considerando a situação.

—Mas Lúcifer não permite que ninguém, inclusive aquelas coisas que necessita, sem pedir alguma forma de pagamento. O que pediu a você? E por que te concedeu meus serviços? Por que liberar minha alma? E onde está minha alma agora, se Lúcifer já não a tem?— Inclusive quando fazia as perguntas, algumas das respostas se formaram em sua mente. Ele grunhiu do fundo de sua garganta. —Comprou-a dele.

A cor em suas bochechas acentuou-se.

—Sim. —sussurrou ela. Suas pálpebras fecharam-se, a longitude de suas pestanas fazendo sombras sobre suas bochechas. Uma das suas mãos roçou a ametista que pendurava entre seus seios—. Entretanto, não o lamento.

Estava sua alma no interior?

—Comprou-me com… contigo mesma?

Se fosse assim, mataria o príncipe antes de lhe permitir que pusesse um só maléfico dedo em cima do corpo dessa preciosa mulher.

Uma pausa, seus olhos abriram-se lentamente. Então.

—Não.

—Conte-me. A raiva estava se construndo em seu interior. Estava furioso com ela, com Lúcifer, consigo mesmo por permitir que isso tivesse acontecido. O que teria dado esta preciosa mulher? Por que o tinha dado? Ele colocou as mãos sobre as dela, não para mantê-la no lugar—poderosa como sabia que era, duvidava que pudesse tê-lo feito assim—a não ser para lhe oferecer tranqüilidade. Ele estava ali, não a deixaria—. Por favor.

Seu queixo tremeu.

—Dei-lheoom ano sobre a terra, livre, para fazer o que quisesse.

—OH, Kadence. —disse Geryon, sabendo que os outros deuses teriam que fazer honra ao eu pacto—e fariam-na sofrer por isso. Tudo dentro dele se rebelou ante o pensamento—. Por que faria tal coisa?

—Para te salvar. Para me salvar. Para salvar o mundo além do nosso alcance. Não posso pensar em nenhuma outra maneira. Um simples ano para fazer seus estragos parecia uma pequena coisa em comparação a uma eternidade de demônios vagando em liberdade. —Sua boca abriu-se, mas mais que palavras, deixou escapar um doloroso gemido. Com a rapidez de um estalo, sua pele perdeu cor e dobrou-se.

A preocupação encheu-o imediatamente.

—O que acontece, doçura? Diga-me.

—Os demônios… estão no muro. Eles… eles estão me matando.

Capitulo 16

Tinha Lúcifer falado aos demônios do seu vínculo com o muro? Perguntava-se Kadence, a dor atravessando-a como uma faca. Em vez de virem brigar aqui, os demônios foram ali. Sabendo que se debilitaria, morrendo? Ou, possivelmente esperavam conduzir Geryon a eles, deixando-a sozinha, só e aparentemente vulnerável para uma emboscada. Ou queria que ela fosse a eles? Eram tantas as alternativas.

O Príncipe provavelmente achava toda a situação imensamente divertida. Provavelmente, um pensamento enraizou em sua mente, quase a paralisando. Se ela fosse assassinada, ele poderia ter mais que um ano na terra, desatando-se em busca de almas, causando inexprimíveis estragos. Se o desejava, poderia levar seus demônios com ele, recrutando a seus seguidores e aos humanos pra sempre.

Ele era um deus, um irmão para governar. Não havia garantias de que fosse capturado e enviado de volta.

É óbvio, traindo-a, poderia obrigar a seus demônios a lhe obedecer abertamente. Ou… se ela fosse o pagamento por sua cooperação? Se eles não sabiam que ela estava vinculada ao muro, Lúcifer poderia "matá-la" quando este caísse para impedir que os perseguisse. Eles estariam agradecidos a ele, possivelmente voltando a jurar que sua fidelidade estava com ele.

Oh, deuses. As possibilidades adoeciam-na, já que, se fosse verdade, ela teria estado ajudando, sem ser consciente em nenhum momento. Ele desejava proteger o muro, ela recordou. No princípio, era de sentido comum. Isso não significava que não o desejasse agora. Por motivos que não tinham nada a ver com sua interna dor, deixaram-na completamente sem respiração. Que tipo de estúpida sou? Estava tão envergonhada. Era tão estúpida.

—Kadence, fale comigo. Diga-me o que vai mal. —insistiu Geryon. Ele ficou de joelhos e balançou-se rodeando-a, ajoelhando-se entre as pernas dela. Uma de suas garras, terna e com suavidade tirou o umedecido cabelo que se grudava a sua testa.

Seu olhar elevou-se para o seu. Vendo tanta preocupação em seus preciosos olhos marrons, não podia arrepender-se das decisões que tinha feito. Não importava o que acontecesse, ele seria livre. Este orgulhoso e forte homem, finalmente seria livre.

—Eu… estou… bem —conseguiu deixar escapar um suspiro. Deuses! Sentia-se triturada por dentro, como se seus órgãos estivessem sendo feitos migalhas.

—Não, não está. Mas estará. —ele agarrou-a em seus braços e carregou-a nas costas para um cômodo que devia ser usado pelo proprietário. Ele estendeu-a em um fino colchão—. Posso? —perguntou, levantando a ametista que alojava sua alma.

Ela tinha planejado dar de presente a ele, uma vez que sua missão estivesse completa, um presente por sua ajuda, mas assentiu. Agora mesmo, havia uma boa possibilidade de que ela não completasse nada.

Lentamente, com cuidado, ele conseguiu tirar a pedra pelo pescoço e colocou-a sobre seu coração. Seus olhos fecharam-se. Ele não estava seguro do que aconteceria. No princípio, não aconteceu nada. Então, gradualmente, a jóia começou a brilhar. Os lábios do Geryon franziram, e ele grunhiu.

—Queima.

—Eu a sustentarei para t…

O brilho explodiu em uma centena de lanças de luz, ele rugiu, com força e durante bastante tempo.

Depois do eco do último som, tudo se aquietou. As luzes desvaneceram-se. Só a cadeia que sustentava a jóia permanecia em sua mão.

Seu cenho franzido transformou-se em um sorriso quando seus olhos se abriram. Mas quando estudou seus braços e logo seu corpo, seu cenho voltou, mais profundo e intenso.

—Eu deveria ter… não o fiz… tinha esperado recuperar meu antigo rosto.

—Por quê? —Ela o amava, justamente como era. Chifres, presas, garras e tudo. Espera, Amar? Oh, sim. Amava-o. Tinha considerado isso antes, mas tinha descartado a idéia. Agora, não podia ser descartada. A emoção estava ali, indiscutível como a morte que enfrentava face à face.

Nenhum homem tinha sido satisfatório pra ela. Ele não se desgostava por sua natureza, deleitava-se nela. Não temia o que ela pudesse fazer-lhe, e, sim, encontrava orgulho nisso. Ele a adorava, divertia-a, tentava-a.

—Era minha esperança que…. —ele tragou—… se você se vinculasse com algo mais, algo além desse muro, possivelmente seus vínculos com ele diminuiriam e recuperaria sua força. Possivelmente a dor cessasse.

Algo mais?

—Você? —perguntou ela, repentinamente sem fôlego por razões que nada tinham a ver com a dor.

—Sim. Eu.

Capitulo 17

Geryon afastou o olhar dela.

—Sei que sou feio. Sei que o pensamento de estar comigo de tal maneira é aborrecível, mas eu…

—Você não é feio —interrompeu-o Kadence—, e eu não gosto que pense assim. Eu não gosto quando despreza a si mesmo dessa maneira.

Ele piscou sobre ela, com expressão atônita.

Ela continuou.

—O pensamento de estar contigo é bem-vindo. Prometo isso.

Agora sua boca abriu e fechou.

—Bem-vindo?

—Sim. Mas não quero te vincular comigo simplesmente para me salvar. Ela tinha estado muito temerosa em confessar que ansiava seu corpo, tinha pretendido estar simplesmente agradecida com um beijo. Não haveria mais fingimento—. Desejo que queira fazê-lo. Porque eu… eu te quero dentro de mim, te convertendo em uma parte de mim, mais do que quero outra manhã. Quero ser sua mulher, agora e sempre.

Antes que ele pudesse responder, outro golpe de dor atravessou-a, atacando-a como uma envenenada saudação, fazendo com que se encolhesse feito uma bola. Acabavam de fazer outra greta no muro. Ela viu em sua mente.

—Geryon? —ofegou ela.

—Uma vez jurei ,que se alguma vez fosse bastante afortunado em recuperar minha alma, nunca, por nenhuma razão, a trocaria outra vez. Dei-me conta que a trocaria com muito gosto por ti, Kadence. Assim sim, quero fazê-lo.

Geryon despojou lentamente Kadence de suas roupas, com cuidado de não machucá-la com suas afiadas unhas em forma de garra. Ela já estava dolorida e duvidava que pudesse suportar muito mais. Formosa, preciosa mulher. Ela somente merecia prazer.

Pela razão que fosse, desejava-a. Desejava-a para sempre. Juntos.

Vendo-a encolher-se de dor, ele sentiu imensa vontade de tomar sua dor dentro de si mesmo. Por ela, algo. Ela não se preocupava de que ele fosse uma besta. Ela viu seu coração, e gostou.

Quando ela ficou nua, ele bebeu nela. A pele de alabastro polvilhado com a mais doce tintura de rubor. Luxuriosos seios, uma curvada cintura, um umbigo que fazia sua boca encher-se de água por provar. Pernas que se alargavam por milhas. Ele inclinou-se e lambeu um de seus mamilos, passando a língua ao redor da deliciosa ponta, suas mãos viajando sobre todo seu corpo.

Quanto mais se aproximavam seus dedos ao seu centro, mais profundamente ronronava ela em profundo sinal de satisfação, parecendo derreter sua dor.

—O prazer está substituindo a dor —disse ela confirmando seus pensamentos.

Graças aos deuses. Ele voltou sua atenção ao outro mamilo, chupando-o, permitindo que a ponta de uma presa o roçasse brandamente.

—Ainda ajuda? —Todo o momento seus dedos brincando perto de seus clitóris, sem tocá-la, só brincando.

—Ajuda. Mas quero te ver. —disse ela, indicando sua armadura com um olhar.

Ele levantou a cabeça e olhou-a atentamente, dentro dos olhos.

—Está segura? Posso te tomar sem tirar uma só peça de armadura.

—Quero tudo de ti, Geryon. —seus traços eram luminescentes—. Tudo.

—O que desejar, obterá. —ele somente esperava que não mudasse de idéia quando o visse.

—Não tema minha reação. Para mim é formoso.

Tão doces palavras. Mas... ele tinha vivido com suas inseguranças durante tanto tempo, que eram parte dele.

—Como posso sê-lo? Olhe-me. Sou uma besta. Um monstro. Algo para temer e repelir.

—Estou te olhando e é algo para ser elogiado. Pode não ter nascido com o aspecto de outros homens, mas tem força e coragem. Além disso —acrescentou ela, lambendo os lábios—, o magnetismo animal é uma coisa muito boa.

Lentamente sorriu-lhe.

—De acordo. Mostrarei o resto de mim.

Capitulo 18

Geryon tirou o escudo do peito e deixou-o a um lado, seu peito era coberto de cicatrizes, pele e ossos muito grandes revelavam-se. Suas mãos tremiam quando soltou o couro que se envolvia ao redor de sua cintura, revelando lentamente seu duro pênis, suas cicatrizes e suas coxas delineadas com linhas de cabelo. Ele esticou-se, esperando pelo inevitável olhar de horror, mesmo após ela ter falado sobre seu “magnetismo animal”.

—Formoso. —Disse ela com reverência—. Um verdadeiro guerreiro. Meu guerreiro. —Ela estirou-se e passou a ponta de seus dedos através dessa pelagem—. Suave.

O fôlego escapou-lhe entre seus lábios abertos, fôlego que não se deu conta de que tinha estado contendo até então.

—Kadence. Doce Kadence. —disse com voz rouca. O que tinha feito ele para merecê-la? Se ele já não estivesse paixonado por ela, teria se apaixonado então.

Quando o quente tinido de desejo que nunca antes tinha experimentado atravessou-o, ele desceu por sobre seu estômago beijando todo o caminho, detendo-se só para afundar a língua dentro de seu umbigo. Ela estremeceu. Quando alcançou a união de suas coxas, trabalhou nela, e o tremor a fez retorcer-se.

—Assombroso —ofegou ela, agarrando seu cabelo em um punho.

Ele queria devorá-la, possuí-la, mas conteve-se; seu sabor era igual à doce ambrósia. Só quando ela gozou, gritando de prazer, elevou-se sobre ela. Estava orgulhoso e honrado de ter proporcionado a ela tal êxtase. Mas agora tremia, seu corpo em chamas,...desesperado,... por ela, só por ela.

Envolveu as pernas dela ao seu redor, e cobriu suas bochechas, olhando profundamente em seus olhos.

—Necessito mais de ti.

Ele entrou nela uma polegada, só uma bendita polegada. Detendo-se, dando-lhe tempo de se ajustar. Iria lentamente, mesmo que se isso o matasse. Faria o melhor para ela, o melhor.

—Por que não sinto a necessidade de te dominar? —ronronou ela em seu ouvido. Mordendo-lhe o lóbulo.

Doce fogo.

—Assim é como fazia antes?

Ela assentiu, arqueando seus quadris para tomar mais dele. Outra polegada.

Ele teve que afogar um grunhido.

—Possivelmente porque meu coração é tão completamente teu, que não há necessidade de dominação.

—Oh, Geryon, por favor. — Acariciou seus chifres, fazendo círculos com a ponta de um dedo sobre eles —. Tome por completo. Dê-me isso tudo.

Ele não podia negar-lhe nada. Liberando seu feroz agarre sobre seu controle, ele empurrou para diante e ela gritou. Não de dor, mas de prazer, ele se deu conta. Encheu-a uma e outra vez, dando-lhe tudo dele. Suas vontades tão completamente misturadas, que era impossível dizer quem queria o quê.

Suas unhas rastelaram o chão sobre sua cabeça, seus dentes inclusive morderam-na, mas ela adorava tudo isso, urgindo-o, rogando-lhe por mais. E quando ele derramou sua semente dentro dela, suas paredes interiores capturaram-no em sua própria quebra de onda de satisfação. Ele gritou as palavras que estivera construindo em seu interior desde o momento em que a havia conhecido.

—Amo você!

Para sua surpresa, ela gritou:

—Ah, Geryon. Também te amo.

Vestiram-se rapidamente. Kadence ainda estava fraca, mas ao menos a dor havia cessado.

—Ainda estão na porta? —perguntou Geryon.

—Oh, sim. Estão trabalhando febrilmente nela.

Ele beijou seus lábios e ela deleitou-se em saborear outra vez o homem que tanto amava.

—Vamos enfrentá-los ali e encerrá-los no lugar, eu farei o que deve ser feito. —Espero que funcione. —disse ela, porque não podia suportar o pensamento de ser separada dele. —Dará certo. Certamente. Tem que dar certo. De outra maneira, ela temeu que ambos estariam condenados.

Capitulo 19

Ela os cintilou como tinha prometido, e isso fez com que Geryon necessitasse de um momento para se orientar, em um momento estavam no interior do botequim, no seguinte estava em frente ao muro. Quando compreendeu o açougue ao seu redor, não podia acreditar o que viam seus olhos. Os demônios tinham trabalhado tão fervorosamente, que tinham sangrado por cima de todas as pedras—pedras que tinham sido trituradas, quase um fino papel. Um buraco era iminente.

Pior, a horda de Senhores Demônios ainda estava ali. Eram enormes, todos eles medindo ao menos sete metros, seus corpos tão enormes que até Geryon, grande como era, não seria capaz de estirar seus braçoso suficiente para medí-los. Os esqueletos eram visíveis sob a translúcida pele. Uns quantos tinham asas, e todos eram grotescos em sua maldade. Olhos vermelhos, com chifres como Geryon e dedos como facas.

Ele devia ter feito ruído, já que uma das... criaturas mediu-os com o olhar. Rindo, um som que colocava cada ponta de seu cabelo em pé.

—Agora.— Gritou para Kadence.

Ela olhou-os—nada. Apontou suas mãos para isso—nada. Gemendo com a força de sua vontade—mas nada acontecia. Os Senhores não se congelavam no lugar.

—Não posso, —disse ela com voz entrecortada.

—O que vai mal? —Ele olhou-a, inclusive enquanto se movia em frente a ela, colocando seu braço ao redor de sua cintura. Ela havia empalidecido e seu tremor tinha retornado. Se não estivesse rodeando-a com o braço, sabia que teria caído. Então, o vínculo não funcionava?

—Fale comigo, carinho.

Ele observou os demônios quando se juntaram, olhando-os. Rindo. Imaginando como os matariam?

—Estou vinculada a ti e à parede. Posso sentir sua força, sua debilidade, e me rasga. —gritou ela—. Sinto muito. Sinto muito. Tudo isto foi por nada, Geryon. Nada!

—Não por nada, nunca por nada. Eu tenho você.

Mas, por quanto tempo?

Lentamente os demônios começaram a se aproximar, depredadores concentrados em sua presa. Um misterioso prazer irradiando deles.

—Você é a melhor coisa que me aconteceu. —disse Kadence fracamente, inclinando sua bochecha contra a dele—. Já não me importa minha morte, mas odeio ter colocado você em grave perigo.

Não. Não!

—Não morrerá. —Mas inclusive quando falava, o muro, tão grosseiramente prejudicado, começou a rachar, a desmoronar, aparecendo um buraco. Alargando-se.

Os joelhos de Kandece finalmente cederam, e ele voltou-se, rugindo, deixando-a no chão.Falhei. Maldita seja, falhei!

—Kadence.

Não houve resposta. Nenhuma sublevação e queda de seu peito, nenhum gemido de dor. Ela estava como morta.

—Diga-me como te ajudar, Kadence. Por favor.

Outra vez, nada. As lágrimas queimaram seus olhos. Não tinha chorado pela esposa que o havia abandonado, não tinha chorado pela vida que tinha perdido, mas chorava por esta mulher. Preciso de você. Ela queria que ele evitasse que os demônios deixassem este reino, mas Geryon não podia sair do seu lado.

Algo afiado raspou-lhe o pescoço, e ele levantou a cabeça para o lado. Os Senhores voavam ao redor deles, cacarejando com regozijo.

—Deixem-nos —grunhiu ele.

Mate-a.

Destruae-a.

Mutile-a.

Muito tarde. Ela tinha ido. Mais risadas.

Um deles descendeu e rastelou uma garra sobre a bochecha dela, arrancando sangue antes que Geryon se desse conta do que acontecia. Os restos cheiravam à força vital e atacavam em frenesi.

Geryon rugiu, lançando-se sobre ela para evitar o pior de seu assalto. Logo suas costas estavam em carne viva, um de seus chifres arrancado, um tendão talhado. Tudo enquanto ele balançava seu braço, esperando matar a tantos como pudesse com seu veneno, mas só um falhou ao esquivar de seu golpe.

As risadas e o abuso continuavam sem cessar.

—Amo você. —sussurrou Kadence ao seu ouvido.

Seus músculos contraíram-se surpreso e aliviado ante o som de sua voz.

Ela estava ainda viva.

—Quero-te. Fica comigo. Não me deixe.

—Sinto muito.

Ele nunca a teria trazido para esse inferno se soubesse o que aconteceria. Ele teria passado toda sua existência na porta, lutando para protegê-la, a ela.

—Vão. —Gritou aos demônios—. Deixem este lugar. O reino mortal é seu.

Como se o muro estivesse simplesmente esperando por sua permissão, este por fim, caiu completamente. O qual queria dizer…

—Não. —gritou ele—. Não queria que caísse. Eu somente disse para que os demônios voassem através dele. —mas era muito tarde, o dano estava feito.

Alegres, os Senhores Demônios voaram na cova, depois desapareceram de vista. Uma nova corrente de lágrimas queimou os olhos do Geryon quando recolheu Kadence em seus braços. O que lhe importava o reino humano sem esta mulher?

—Adeus, meu amor. —disse ela, e morreu em seus braços.

Capitulo 20

Ela estava morta. Kadence estava morta. E não havia nada que pudesse fazer para salvá-la. Sabia com tanta certeza como não tomaria seu seguinte fôlego. Um odiado e não desejado fôlego. Lágrimas deslizaram por suas bochechas, zombadora lembrança de que ele vivia…e ela não.

Ela tinha querido sua ajuda para salvar o muro, para se salvar. Tinha querido que mantivesse os Senhores Demônios no inferno, contudo ele tinha falhado em todos os propósitos.

—Lamento tanto, Geryon.

Ante esse novo som de sua voz, ele piscou. O que —quando ele olhou, seu espírito começou a elevar-se de seu corpo imóvel. A esperança revoou dentro de seu peito. Esperança, alegria e surpresa. Seu corpo estava destruído, mas seu espírito seguia vivo. É óbvio, deveria tê-lo sabido. Ele se encontrava cada dia com tais espíritos, embora nenhum tinha sido tão puro como o dela.

Ele ficou em pé, enfrentando-a, seu coração pulsando como um louco. Sorriu com tristeza.

—Lamento tanto. —repetiu ela.

—Por quê? —Quando ele tinha sido mais feliz? Ela estava ali, com ele—. Não há o que lamentar.

—Falhei com você. Se estivesse em seu posto na porta como tinha querido, isto não teria acontecido.

—Isso não é assim. Os demônios teriam destroçado o muro, e teriam te destruído. e eu não tria tido a oportunidade, não, o prazer, de me vincular contigo. Não posso me arrepender do acontecido. —Nunca mais. Não com seu espírito diante dele—. O que vai acontecer aos demônios?

—Suponho que os deuses tentarão reuní-los, lamentaram os meus atos como um eterno fracasso.

Ele sacudiu a cabeça.

—Você não é um fracasso, amor. Fez tudo o que estava em seu poder para detê-los. A maioria nunca teria entrado nem até as portas. —sua cabeça inclinou-se para um lado enquanto a estudava. Ela parecia tão encantora como sempre, igual a um sonho de sua antiga forma. Antes dela, sua vida tinha sido uma terra baldia. Um momento sem ela teria sido… bom, o inferno.

—Obrigado, doce Geryon. Mas inclusive se o muro for reparado, e se os demônios forem de algum jeito capturados, temo que os deuses sejam incapazes de contê-los aqui. —suspirou ela—. Sempre lutarão para escapar.

—Os deuses encontrarão uma maneira. —ela assegurou —. Sempre conseguem. — Ele estirou-se para abraçá-la contra ele, mas sua mão atravessou-a e ele franziu o cenho, drenando algo de sua felicidade. Tocá-la era uma necessidade; não seria capaz de viver sem seu calor, sem sua brandura.

Então, deu-se conta…. Fechou os olhos durante um momento, avançando em silenciosa agonia.

—É livre, Kadence. Livre do inferno, livre das ordens dos deuses. Pode ir aonde quiser, fazer o que desejar.

—Sim. Mas não tenho você. —As lágrimas encheram seus olhos—. Deixarei você e vagarei sozinha pela terra. —acrescentou ela com uma firme sacudida de sua cabeça. Aquelas lágrimas se deslizaram por suas bochechas—. Sei que é permitido aos deuses e às deusas escolher onde desejam residir depois da vida, mas eu não tenho desejo de voltar para céu ou ficar no inferno. A menos… Ficará aqui? Você gostaria que ficasse contigo? —perguntou esperançosa—. Se preferir não me ter, um ser que nem sequer pode esperar sentir, entendo-o mas…

Enquanto ela falava, uma ideia cruzou por sua mente. Uma selvagem ideia que não descartava, mas sim abraçava—. Quando me vinculei a você, foi para sempre e outra eternidade. Não te deixarei agora.

—Mas nunca será capaz de me tocar. Nunca…

—Farei. Prometo. —e com isso, afundou suas próprias unhas envenenadas em seu peito, sentindo a toxina queimando, abrasando, chamuscando seu corpo. Ele gritou de angústia, seus olhos ficaram negros.

Quando a dor cessou, a escuridão desvaneceu-se. Suas pálpebras bateram abrindo-se e viu que seu corpo se foi, uma pilha de cinzas, seu espírito próximo à Kadence. Durante tantas vezes ao longo dos séculos, ele tinha considerado tomar tal atitude. Algo para terminar com a monotonia de sua existência. Mas tinha obstinado-se à vida, por Kadence. Para vê-la, para imaginá-la acariciando-o e esperando pela oportunidade.

Agora, esse sonho era uma realidade.

—Eu, também, sou livre agora. —disse ele—. Realmente livre.

—Deixou sua vida por mim, —prorrompeu ela através das lágrimas, e um sorriso que não podia ocultar.

—E faria outra vez. —Ele a atraiu para seus braços, sorrindo também, porque podia senti-la outra vez.

—Você é tudo para mim. Estou perdido sem você.

—Amo-te tanto, tanto. —Disse ela, com uma pequena chuva de beijos sobre sua cara—. Mas, o que faremos agora?

—Viver. Finalmente, viveremos.

E assim fizeram.

Quando os deuses deram-se conta de que o muro entre a terra e o inferno havia rachado e uma horda de Senhores Demônios estava solta sobre a terra, enviaram um exército para reparar o dano—mas nenhum pôde conter os demônios. E inclusive, se podiam, os deuses sabiam que encerrá-los de volta ao interior do inferno seria simplesmente um convite para outra rebelião.

Teriam que fazer algo.

Embora as pedras da barreira tivessem caído, o corpo da deusa da Opressão ainda estava vinculado ao muro do inferno. E assim, os deuses construíram uma prisão do tamanho de uma caixa com os ossos de Kadence, confiando que esses poderes que ela havia expandido naquele local, horas antes de sua morte, ainda residiam no interior de sua medula.

Eles provaram ter razão. Uma vez aberta, a caixa atraiu os demônios desde seus lugares ocultos, mantendo-os cativos como nem sequer o inferno tinha sido capaz de fazer.

Os deuses estavam encantados com sua obra. Se tão somente não tivessem dado a caixa a Pandora para que a guardasse… mas essa é uma história para outro momento.

Fim